



**SOCIOLOGIA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
A implementação e experiências docentes da rede municipal de São
Leopoldo/RS**

*Aline Dias Possamai¹
Eduarda Bonora Kern²
Janine Rossato³*

Resumo

A história recente do Ensino de Sociologia no Brasil é uma trajetória multifacetada. As experiências da disciplina com outros públicos e espaços, além do Ensino Médio, contribuem para fortalecê-la enquanto matéria escolar, pois essa diversidade favorece o enriquecimento didático da Sociologia nas escolas. Por exemplo, a inserção nas Séries Finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental provoca discussões sobre as estratégias metodológicas, os materiais didáticos, o currículo e as concepções teóricas específicas para esse público. O trabalho é um esforço de sistematizar e organizar a história sobre a implementação da disciplina na rede municipal de São Leopoldo/RS para formar um registro histórico local. Assim, apresentar um retrato dessa realidade e potencializar o diálogo com outras experiências similares e fortalecer a Sociologia enquanto componente curricular do Ensino Fundamental. Esse resgate se embasa na análise de documentos e registros de eventos assim como reflexões e trocas entre docentes da rede.

Palavras-chaves: Ensino de Sociologia. Ensino Fundamental. Educação Básica. Experiência Docente. Professores de Sociologia.

1 Professora da rede municipal do município de São Leopoldo/RS. Licenciada em Ciências Sociais na Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: alinedpossamai@gmail.com

2 Professora da rede municipal do município de São Leopoldo/RS. Licenciada e bacharel em Ciências Sociais na Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Especialista em Informática na Educação na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). E-mail: duda.bk@hotmail.com

3 Professora da rede municipal do município de São Leopoldo/RS. Licenciada em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Mestre em Educação na Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: janine.edu@gmail.com

Abstract

The recent history of teaching Sociology in Brazil is a multifaceted path. The discipline experiences with other publics and spaces, beyond High School, contributes to strength Sociology as school subject, because this diversity promotes educational enrichment to Sociology in schools. For example, the existence in Elementary School (6^o to 9^o grade) causes discussions about methodological strategies, teaching materials, curriculum and theoretical concepts for this age. The work is an effort to systematize and organize information about implementation of Sociology in São Leopoldo/RS as a local history. Therefore, making a picture of this reality to connect with other similar experiences and strength Sociology as school subject in Elementary School. An essay organized from document analysis and event records also exchanges between teachers.

Key Words: Teaching Sociology. Elementary School. Public Education. Teaching Experience. Sociology Teacher's.

1 Introdução: Contexto de permanência e diversificação no currículo da Educação Básica

O texto⁴ a seguir é uma construção coletiva que busca resgatar parte da história do Ensino de Sociologia em São Leopoldo/RS. A partir das nossas experiências e trajetórias na rede municipal enquanto professoras, buscamos reconstruir as condições de implementação da disciplina, socializar as dificuldades e vivências desse processo, bem como contribuir para o nosso fortalecimento enquanto docentes nesse município e estimular a intensificação dos debates e trocas entre professores e pesquisadores sobre a Sociologia para o Ensino Fundamental.

Assim, o nosso relato está intrinsecamente ligado com a ação docente ativa, desenvolvida ao longo da nossa experiência docente, na busca por compreender a produção de os saberes e as práticas escolares cotidianas:

O professor não é um agente passivo que aplica teorias e conhecimentos feitos por outros especialistas. Pelo contrário, ele é um sujeito ativo que produz saberes, que assume na prática uma ação significativa construída por ele. Produzindo saber, a partir de experiência pessoal e da prática de ensino, ele constrói competências e desenvolve novas práticas e estratégias de ação. (OLIVEIRA; COSTA, p.123, 2013).

4 Texto originalmente escrito para o GT 5 “História do ensino de Sociologia no Brasil” do IV Encontro Nacional de Ensino de Sociologia.

A inserção da Sociologia no Ensino Fundamental na rede municipal de São Leopoldo foi influenciada pelo contexto de reinserção da disciplina nas grades curriculares nacionais com o processo de aprovação da Resolução n.º4, de 16 de agosto de 2006 e ratificação na Lei nº 11.684 em 2008.

Cabe ressaltar ainda que regionalmente, esse processo de implementação se desenvolveu a partir de uma trajetória de debates estaduais que se expressou na existência da Sociologia nas escolas do Rio Grande do Sul em período antecessor ao ano de 2006, como PEREIRA (2007 e 2013) evidencia em seus estudos.

A partir da década de 1980, em alguns estados brasileiros, observaram-se medidas isoladas na tentativa de formulação de projetos de lei para a implantação da Sociologia no Ensino Médio que, quando aprovadas, acabaram não se efetivando na prática. Exemplo disso foi o que ocorreu em São Paulo, Rio Grande do Sul, Pará, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro. Nos quatro primeiros estados deputados estaduais apresentaram projetos nesse sentido, porém as leis do legislativo foram aprovadas (RS, PA, BA) ou vetadas pelo executivo (no caso de São Paulo). (PEREIRA, 2013, p.3)

Verificou-se que de 2001 a 2006 houve um aumento considerável da oferta de Sociologia nas escolas estaduais, independentemente da existência de uma lei que a tornasse obrigatória. Constatou-se que em 2001, das escolas estaduais 26% ofertavam Sociologia em seus currículos. Essa porcentagem passa a 41% em 2004 e a quase 43% em 2006 (...) (PEREIRA, 2007, p.135).

Apesar da inexistência atual de legislação que ampare a Sociologia no Ensino Fundamental, nada vem impedindo que experiências nesse sentido aconteçam, da mesma forma como ocorreu em relação a legislação nacional e o contexto estadual. A crescente discussão, produção e empenho do campo científico dedicados ao Ensino de Sociologia fizeram tanto com que a implementação oficial no Ensino Médio fosse seu resultado, como fosse possível a ocupação de novos espaços, como os do Ensino Fundamental.

Nesse sentido Miglievich-Ribeiro e Sarandy (2012) apontam que a obrigatoriedade não é uma condição única para garantir a permanência da disciplina no currículo escolar, sendo fundamental uma afirmação teórico-didática e política:

Assim, o sentido da Sociologia na Escola - ainda a ser construído discursivamente nas experiências de comunicação entre professores de Ensino Médio e pesquisadores da Ciências Sociais - abrange a fundamentação teórica da mesma e implica a densificação dos debates acerca de seu ensino que passam a ser protagonizados pelos seus profissionais, quer nas escolas, quer nas universidades e institutos de pesquisa, nenhum deles unilateralmente (MIGLIEVICH-RIBEIRO; SARANDY, p.22, 2012).

Ou seja, independente do amparo legal, a construção de sentidos na prática pedagógica do conhecimento sociológico reforça e respalda essa inserção - seja ela com “força de lei” como no Ensino Médio, ou como uma aposta que pode se consolidar legalmente, como no Ensino Fundamental.

A Educação Básica em toda a sua diversidade pode provocar novas e contínuas inserções para o debate e trabalho escolar em Sociologia. Diferentes contextos como o EJA, Educação no Campo, Educação Quilombola, Educação Indígena, Educação Inclusiva... podem provocar possibilidades e campos de atuação estimulantes e enriquecedores para a prática pedagógica da Sociologia.

O Ensino Fundamental, enquanto etapa constituinte da Educação Básica, também se torna um espaço que pode ser explorado em um contexto de maior abertura para a Sociologia nas escolas, uma vez que se apoia na própria justificativa da implementação da disciplina no Ensino Médio e na possibilidade de estender essa formação para, no mínimo 4 anos, fortalecendo o aprendizado do conhecimento sociológico nos estudantes.

A falta de obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Fundamental faz com que a possibilidade de existência dessa disciplina seja motivada pelo protagonismo dos atores envolvidos em determinado contexto. No caso da rede municipal de São Leopoldo, o contexto nacional e o envolvimento da Secretaria de Educação da época (2006) motivaram a existência do cargo de professor de Sociologia no concurso de 2006, com as primeiras nomeações em 2007. Portanto, nesse caso, o grupo que trabalhava na SMED no período da promoção da discussão nas escolas, possibilitou as condições para a existência da Sociologia no Ensino Fundamental.

Em nível nacional, os casos de Sociologia no Ensino Fundamental são dispersos, e muitas vezes difíceis de ser mapeados. Exemplos como o Colégio Dom Pedro II, que possui um grupo consolidado de professores com produção acadêmica constante, ou ainda outras redes municipais que possuem leis que regulam a disciplina (Cariacica/ES e Belém/PA), facilitam a identificação de outras experiências. Entretanto, é necessário fomentar um diálogo e discussões compartilhadas sobre essa especificidade do Ensino de Sociologia, de maneira a formar um acúmulo de perspectivas sobre as experiências e contextos dessa inserção.

A continuidade e vivacidade dos espaços e construções destinados ao Ensino de Sociologia devem ser ampliados e diversificados. A manutenção de fóruns como o ENESEB, a comissão de educação da SBS, a ABECS, os encontros regionais dedicados ao Ensino, o conjunto de

experiências e intervenções dos PIBIDs Ciências Sociais/Sociologia, os diferentes laboratórios de ensino e revistas acadêmicas destinados ao assunto demonstram essa força e potencial.

Para dar conta das demandas colocadas pelo espaço escolar e a partir das práticas docentes, ainda é preciso fortalecer vínculos mais duradouros e constantes entre Universidade e a Escola, sobretudo nas regiões onde essa distância se mostra maior e existe a necessidade de colocar o Ensino de Sociologia enquanto objetivo comum de construção.

Esse trabalho em parceria, que precisa estar mais enraizado no cotidiano escolar e acadêmico, para uma prática docente pedagogicamente vinculada e teoricamente embasada, é a dificuldade que Moraes (p.48, 2013) indica:

A quase unanimidade das pesquisas sobre ensino de Sociologia tem sido sobre o processo de institucionalização da Ciência ou da disciplina escolar, quando faltam informações sobre os processos internos às salas de aula - da Educação Básica à superior.

Há um campo muito fértil para o trabalho na Sociologia no Ensino Fundamental e um conjunto de desafios teórico-práticos que necessitam atenção e produção acadêmico-didática. Devemos fortalecer as experiências que existem, para colaborar com o processo de legitimidade e valorização da disciplina (nos locais onde isso ainda é pouco consolidado), para que seja possível a permanência da Sociologia nesses currículos; também é necessário construir condições teóricas, metodológicas e didáticas para desenvolver um Ensino de qualidade desse componente curricular.

É um desafio posto, afinal as demandas que ainda se colocam para o Ensino Médio precisam começar a ser vistas como um problema no Ensino Fundamental:

Construir a identidade da disciplina e do profissional de Sociologia no Ensino Médio e uma didática própria é antes de tudo uma conquista de espaço e reconhecimento. Uma tarefa complexa, pois é preciso saber quais conhecimentos desejamos que a Sociologia no Ensino Médio construa, e que responsabilidades possui o professor de sociologia. (OLIVEIRA; COSTA, p.130, 2013).

A continuidade de um processo de debate, pesquisa e práticas pedagógicas deve favorecer o percurso da Sociologia no Ensino Fundamental enquanto uma possível disciplina obrigatória. É necessário consolidar os espaços que existem para construir uma história dessas práticas pedagógicas, instigando o processo de formação e inserção em sala de aula, para tornar a Sociologia uma disciplina necessária e imprescindível a toda a Educação Básica de maneira permanente. Nesse sentido, o Ensino Fundamental tem muito a colaborar na História do Ensino de Sociologia.

2 A introdução da disciplina de Sociologia na rede municipal de São Leopoldo

O processo de implantação da disciplina de Sociologia na rede municipal de São Leopoldo iniciou em 2005 com a gestão municipal que assumiu a prefeitura naquele ano. A Secretaria da Educação (SMED) passou a ser coordenada por Ângelo Dalcin, professor universitário e sociólogo até 2004.

Inicialmente, a SMED realizou um diálogo interno sobre as possibilidades de implantar as disciplinas de Sociologia e Filosofia na grade curricular. Houve uma preocupação por parte dos gestores, para que essa inclusão na grade curricular não fosse imposta pela SMED, mas que as escolas pudessem aderir de acordo com sua realidade, atuação pedagógica e discussão interna. A partir dos registros oriundos desses diálogos nas reuniões de planejamento da SMED foi elaborado um texto e apresentado à Câmara Municipal de Vereadores para embasar e justificar a importância da implantação dessas disciplinas na grade curricular e criar os cargos de professor de Sociologia e Filosofia na rede pública municipal.

Com a aprovação dos cargos na Câmara Municipal, o primeiro concurso foi realizado em janeiro de 2006 e entre 2007 à março de 2010 foram nomeados 20 professores de Sociologia. O segundo foi realizado em novembro de 2010, sendo nomeados 10 professores para suprir vagas de quem havia deixado a nomeação. Os dois concursos supriram a demanda de cargos que foram criados de acordo com o número de escolas que optaram pela implantação.

A justificativa para criar os cargos provém de discussões sobre a possibilidade de os educandos desenvolverem uma compreensão sociológica da sociedade e de si, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, tanto sobre sua condição, quanto para o exercício pleno da cidadania. Ao proporcionar de leituras, reflexões e análises sociológicas sobre o contexto vivido pelos alunos, a disciplina também aproximaria a escola da realidade social na qual está inserida, contribuindo para romper sua posição de ilha na comunidade.

As escolas, por sua vez, para a implantação da disciplina organizaram discussões com os professores da escola. Entretanto, na maioria das escolas não houve profundas discussões, pois muitos não tinham clareza de como as disciplinas poderiam se inserir enquanto conteúdo escolar.

De acordo com os relatos dos professores, nos primeiros encontros de formação, as escolas acreditavam que a disciplina de Sociologia e Filosofia poderia colaborar para resolver problemas na escola, como por exemplo, diminuir a violência entre os alunos. Muitas estão situadas na periferia ou em comunidades carentes que apresentam altos índices de vulnerabilidade social, de

acordo com o quadro que veremos no decorrer do artigo. Em algumas escolas, os profissionais de educação acreditavam na formação de alunos críticos, conscientes e atuantes para mudar sua realidade social. A partir dessas observações é possível compreender por que as instituições optaram em incluir as disciplinas, especialmente Sociologia.

No momento da implantação não existiam diretrizes municipais para a disciplina de Sociologia, ou qualquer material que pudesse ser utilizado pelos professores como ponto de partida para embasar seus planos de trabalho e o planejamento das aulas. O objetivo da SMED era nomear os professores e esses, com formação na área, pudessem discutir e construir juntos as diretrizes que nortearia o trabalho.

Segundo o relato do Secretário da Educação que atuou no período da implantação, da Diretora Pedagógica que atuou no período da nomeação dos professores, Quênia Strasburg, havia a preocupação de que a inserção da disciplina não fosse imposta pela SMED, mas oriunda de um processo de discussão das escolas e com livre adesão. A gestão municipal acreditava que as escolas precisam desenvolver suas propostas pedagógicas e curriculares, a partir do que a comunidade escolar acreditava como ideal a partir da realidade em que estava inserida. Dessa forma, não houve imposição de como deveria ser a carga horária e nem quais turmas seriam contempladas.

Tabela 1 - Carga horária das disciplinas de Sociologia e Filosofia.

Escolas Municipais (Séries Finais)	Sociologia (CH)	Filosofia (CH)
João Goulart	1 (7º- 9º)	1 (6º- 8º)
Santa Marta	1 (7º- 9º)	1 (6º- 8º)
Otília Rieth	1 (7º- 9º)	1 (6º- 8º)
Paulo Couto	1 (6º - 9º)	
Emílio Meyer	1 (6º - 9º)	
Dilza flores	1 (6º - 9º)	
Padre Orestes	1 (6º - 9º)	
Zaíra Hauschild	1 (6º - 9º) + 2 (EJA)	
Clodomir Moog	1 (6º - 9º)	

Paulo Beck	2 (6º – 9º)	
Franz Weinmann	1 (6º)	
Rui Barbosa	1 (6º)	
Maria Edila	1 (6º)	
Paulo Harris		2 (6º – 9º)
Olímpio Albrecht		2 (6º– 9º)
Salgado Filho		2 (6º – 9º)
Germano Sperb		1 (6º - 9º)
Álvaro Nunes		2 (6º – 9º)

Fonte: Grades curriculares das escolas municipais fornecidas pela SMED de 2010.

Das 32 escolas que possuem séries finais, 10 escolas adotaram só a disciplina de Sociologia e 3 adotaram Sociologia e Filosofia, totalizando 13 escolas com Sociologia na rede municipal em 2010⁵. A Sociologia teve uma aceitação maior das escolas, pois muitas tinham a ideia de que seria uma disciplina para resolver os problemas que faziam parte do contexto escolar. As escolas se localizam em regiões de vulnerabilidade social e apresentavam grandes índices de violência, drogas, tráfico e era necessário propiciar aos alunos uma compreensão dessas relações que lhes cercavam para transformá-las, segundo as equipes diretivas que optaram pela implantação.

Nesse período eram 11 professores atuando com Sociologia, sendo 9 concursados e com formação em Ciências Sociais ou Sociologia e os outros 2 também concursados, mas formados em outras áreas. Os colegas de outras áreas de formação, complementavam sua carga horária com a disciplina de Sociologia, pois eram poucas as turmas destinadas a esse componente curricular na sua escola.

As dificuldades para a implantação das duas disciplinas foram as mesmas de acordo com os relatos dos professores e das equipes diretivas que atuavam nas escolas no período. Identificamos que muitas não aderiram porque desconheciam as possibilidades pedagógicas de cada uma e optaram por manter disciplinas tradicionalmente mais conhecidas na grade curricular.

⁵ Ano em que foi feito o primeiro levantamento de dados para mapear quais escolas haviam adotado e em quais turmas, para a formação continuada de professores de sociologia da rede municipal.

2.1 Formação continuada dos professores de Sociologia da rede municipal

No ano de 2010 a SMED organizou um programa de formação continuada “Socializando Saberes e Práticas – Sociologia e Filosofia” e o tema era *o currículo em foco*. Foram realizados encontros presenciais e algumas atividades à distância para elaboração de textos que deram origem aos primeiros rascunhos das Diretrizes Curriculares dessas disciplinas. A formação ocorreu em 40 horas, sendo 32 presenciais e 8 à distância.

Os encontros iniciaram com uma retrospectiva da implantação das disciplinas e um panorama de como elas estavam distribuídas na rede municipal. Na sequência foram discutidos textos⁶ que haviam sido organizados e disponibilizados previamente em um cronograma para os participantes e embasaram as discussões da formação. Entre esses subsídios estavam as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino de Sociologia para o Ensino Médio, que foi nosso ponto de partida para a construção das Diretrizes Municipais.

Em todos os encontros havia um momento para compartilhar a realidade escolar e as situações vivenciadas na sala de aula. Além das angústias e dificuldades, foram compartilhadas ideias, alternativas e soluções que cada um encontrava para enfrentar as adversidades de trabalhar com uma disciplina recém implementada na rede.

Em um dos encontros foi proposto para que cada professor apresentasse três atividades que havia desenvolvido em sala de aula. Esse encontro foi riquíssimo, pois a maior angústia trazida por todos nos encontros era *como trabalhar com adolescentes de 10 a 15 anos de idade com uma área do conhecimento que havíamos estudado na graduação de uma forma tão teórica? Como reconstruir um conhecimento complexo, teórico e abstrato ao nível da compreensão de alunos do Ensino Fundamental? Levando em consideração que estes ainda se encontram em uma fase concreta do desenvolvimento psicomotor e cognitivo.*

Outra angústia manifestada pelos professores decorria de que algumas equipes diretivas⁷, não entendiam o papel e o trabalho pedagógico da disciplina, e ainda existia o questionamento por parte dos grupos docentes em relação a necessidade e a legitimidade da inserção da matéria, tendo em vista a divisão de carga horária (sem orientações mínimas da SMED) da estrutura curricular.

6 Texto 1: Para além do senso comum: aportes para a construção do conhecimento sociológico na Educação Básica, de Thiago Ingrassia. Texto 2: A natureza da Filosofia e seu ensino, de Desidério Murcho. Texto 3: Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, do MEC.

7 Muitas não eram as mesmas do período da implantação da Sociologia.

Além da formação continuada de 2010, ocorreram encontros com os professores no ano de 2011, especialmente porque chegaram na rede novos professores de Sociologia que haviam sido chamados no último concurso⁸. Foram encontros de trocas de materiais e de experiências. Tivemos acesso a livros, blogs, sites e atividades desenvolvidas pelos colegas, todos voltados para a didática da disciplina de Sociologia, que foram compartilhadas no encontro e depois virtualmente por e-mail com os colegas.

Esses momentos foram importantes para percebermos que não éramos os únicos a enfrentar dificuldades, nos encorajando em seguir atuando. Tínhamos que atuar, conquistar o espaço da disciplina e comprovar a importância da disciplina na grade curricular.

De acordo com o planejamento da SMED, orientou-se às escolas e aos professores que estavam atuando na disciplina que, a partir das experiências, das trocas de saberes e reflexões, pudessem contribuir para construir as Diretrizes Municipais para as disciplinas. Estas foram encaminhadas no ano de 2011.

2.2 Construção das Diretrizes de Sociologia da rede municipal

A partir das produções escritas pelos professores no término da formação continuada, das reuniões e reflexões coletivas sobre a prática, dos planos de estudos encaminhados pelos professores para a SMED e dos planos de estudos de outras redes que têm Sociologia no Ensino Fundamental, foram construídas as Diretrizes de Sociologia para a rede municipal.

Foram realizados encontros quinzenais por um grupo interdisciplinar composto por professores da rede municipal, representando todas as disciplinas da grade curricular para elaborar as Diretrizes Gerais da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, Séries Iniciais e Séries Finais. Cada professor era responsável por um componente curricular e por entrar em contato com os colegas da rede para pensar as diretrizes da sua disciplina.

A Sociologia já tinha um grupo formado e em contato virtualmente, dessa forma a professora Eduarda Bonora Kern criou um link no Google Drive que foi destinado como o espaço para a construção coletiva, o que durou 3 meses.

Foi disponibilizado nesse espaço virtual um roteiro com algumas sugestões prévias para alterações e coletadas nos materiais citados acima. Esse roteiro estava dividido da seguinte forma:

1) Finalidade da disciplina de Sociologia: o que faz a disciplina? Como faz? E para que faz?

⁸ Realizado em novembro de 2010 e nomeados em 2011.

2) Objetivo geral da disciplina para cada um dos anos (6º, 7º, 8º e 9º ano): o que a disciplina se propõe a construir como conhecimento sociológico naquele determinado ano.

3) Objetivos específicos para cada um dos anos (6º, 7º, 8º e 9º ano): como a disciplina constrói o conhecimento, indicando alguns caminhos através de objetivos que indicam alguns conteúdos.

Ou seja, a discussão sobre esses tópicos era uma forma de apresentar a Sociologia enquanto disciplina para a rede municipal e de auxiliar em nosso processo de reflexão sobre a Sociologia enquanto matéria escolar para as especificidades de determinada faixa-etária.

As ciências sociais se distinguem, portanto, de outros gêneros de discurso pela possibilidade que lhe é dada de se ater a imagens mais ou menos duradouras, mais sistemáticas, mais controladas. As imagens que elas obtêm dependem, decerto, sempre de um ponto de vista parcial e te e teoricamente limitado, mas elas são ao mesmo tempo racionais e empiricamente fundadas. (LAHIRE, 2013, p.30)

Essa distinção enquanto ciência passa pela definição de conteúdos e objetivos que traduzem as imagens sobre a realidade social de forma didática. Nesse sentido, as Diretrizes Municipais, mesmo com a necessidade de maior tempo de gestação e debate, fizeram um primeiro posicionamento institucional em relação a questão da legitimidade enquanto saber científico e escolar.

Em 2012, uma versão prévia das Diretrizes Curriculares foi encaminhada para as escolas para apreciação e alterações. As sugestões foram encaminhadas para a SMED e em junho do mesmo ano aprovado na Conferência Municipal de Educação.

Apesar da construção das Diretrizes para a disciplina de Sociologia, tão desejada pelos professores, houve redução do número de escolas com a disciplina quando uma nova gestão assumiu o governo municipal (2013). De acordo com o levantamento feito com as equipes diretivas, os principais motivos para a exclusão foi a falta reposição pela SMED para os cargos que abriram vacância, apesar de haver professores selecionados para contrato na lista de espera.

Outra observação que se destacou é que as escolas que possuíam turmas de ensino a disciplina até o 6º ano totalizavam 3 a 4 horas de Sociologia por escola, dificultando a distribuição de carga horária dos professores.

Em algumas escolas não houve convocação de professores de Sociologia aprovados no concurso vigente, muitas designaram a carga horária aos demais docentes da área de humanas, o que acabou descaracterizando a disciplina e contribuindo para sua exclusão. Veja como está a realidade hoje.

Tabela 2 - Escolas que possuem a disciplina de Sociologia.

Escolas Municipais (Séries Finais)	Sociologia (CH)	Filosofia (CH)
João Goulart	1 (7º- 9º)	1 (6º- 8º)
Santa Marta	1 (7º- 9º)	1 (6º- 8º)
Paulo Couto	1 (8º - 9º)	
Emílio Meyer	1 (6º - 9º)	
Dilza flores	1 (6º - 9º)	
Padre Orestes	1 (6º - 9º)	
Zaíra Hauschild	1 (6º - 9º)	
Paulo Beck	2 (6º - 9º)	

Fonte: Informações repassadas pelas equipes diretivas das escolas em 2015.

A presença da Sociologia, mais do que uma opção pedagógica é uma opção política, pois expressa o tipo de formação que a escola deseja oferecer para a comunidade em que está inserida, bem como a orientação da política educacional gerida pela Secretaria de Educação. Instabilidade essa que ainda é muito marcante na trajetória da disciplina nas grades curriculares: “Então a sociologia - como a história - em momentos de grande clivagem no debate social, tem sua presença na escola controlada e atacada por certos setores da sociedade” (MEUCCI, p. 209, 2015). Em nossa avaliação, se a escola não tem clareza disso, não consegue identificar como a disciplina pode contribuir para tal fim, ou ainda, se a formação sociológica provoca um “descompasso” com o formato de trabalho da instituição, se consolida “motivos” para a retirada da matéria da grade curricular.

3 Nossas experiências em lecionar para o EF

Compartilhamos a seguir três perspectivas sobre a prática docente da Sociologia no Ensino Fundamental da rede municipal de São Leopoldo/RS, a partir de três contextos escolares diferentes e tempos de docência distintos, de forma a trazer alguns elementos da experiência de sala de aula, para estimular as reflexões sobre a disciplina nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Os relatos abaixo são visões parcializadas da experiência docente, podem ou não representar outros contextos sociais e redes de ensino, mas expressam parcelas da realidade educacional em São Leopoldo/RS. Enquanto relato de vivências, há uma margem tênue entre afastamento/envolvimento com as relações construídas em sala de aula, que também é objeto de reflexão e análise enquanto professoras de Sociologia. Essas tensões mostram que esse processo de “o sociólogo quer saber o que é ser professor” (DUBET, 1997) não é um caminho simples, pois ao mesmo tempo que somos atravessados por um contexto escolar/social buscamos lançar perguntas e olhares sobre tais experiências.

3.1 A Sociologia entre conflitos e criações

O início do exercício da docência ocorreu com a entrada na rede municipal de São Leopoldo em 2011, desde esse ano leciono na mesma escola.

A instituição que me acolheu possuiu um contexto bastante favorável ao Ensino de Sociologia. Desde 2009 a disciplina existe na escola e, portanto, somos duas professoras formadas na Licenciatura em Ciências Sociais atuando na instituição. A estrutura curricular da instituição também oferta 2 períodos (atualmente 110 minutos semanais) para as turmas de Séries Finais do Ensino Fundamental (6º ano a 9º ano), sendo exceção a necessidade de lecionar outras disciplinas como Ensino Religioso.

Nesse contexto escolar, a disciplina de Sociologia é vista de forma positiva pela Escola e como fundamental para a formação dos estudantes em contexto social vulnerável e periférico, sendo essa importância muitas vezes reafirmada discursivamente. A aceitação da disciplina também está relacionada à relativa autonomia e protagonismo com que ambas professoras desenvolvem o trabalho. De maneiras diferentes, temos uma boa relação com os estudantes e os mantemos “ocupados” e “produtivos”, de forma a não ser um “incômodo” (em boa parte das

vezes) para a rotina da escola. Desenvolverei esse ponto mais a frente, pois toca o formato de aula e o desenvolvimento do trabalho que vem ocorrendo.

Lecionar para crianças e jovens de 11 a 17 anos foi um grande “baque”. Como trabalhar? Quais conteúdos usar? Quais as diferenças metodológico-didáticas para essa fase? Não recebi formação para trabalhar com essa faixa etária, e ainda hoje são poucas as orientações sobre essa especificidade. A demanda de trabalho se impôs e precisei formular minhas próprias respostas, muitas vezes intuitivamente.

A prática docente requer certa agilidade e flexibilidade para dar conta das exigências, constantemente maiores do que o que consideraríamos aceitável para a qualidade de trabalho desejada. Por isso, utilizei como orientador aquilo que já estava praticando em outro espaço pedagógico, mas de caráter informal: o Projovem Adolescente. A partir do material da formação de orientador educacional elaborei um plano de trabalho, buscando referências práticas e conseguindo um aporte que orientou o fazer pedagógico.

O diálogo com a formação pedagógica geral, auxiliou nesse processo de explorar o que a realidade social e pedagógica demonstrava, para tentar criar estratégias didáticas. Na medida que as reformulava, também adquiria maior experiência docente, construindo algumas interpretações sobre a docência do Ensino Fundamental.

O cotidiano demonstrou, por exemplo, a existência de uma grande “energia criativa” de 6º a 9º ano. Potência essa que vai sendo moldada ao longo de 9 anos de estrutura escolar, que vai disciplinando e acomodando ideias, posturas e vontades. Essa potencialidade e criatividade são expressas em diferentes linguagens: artística, corporal, musical, escrita, oral. Perceber essa disposição dos estudantes, faz investirmos nessas aberturas.

Também é possível perceber que os estudantes de Ensino Fundamental demonstram um senso comum mais “permeável”: estamos presentes na fase em que começam a elaborar ideias de como o mundo é e como acham que são as coisas. Isso nos abre uma incrível oportunidade de estar junto com eles para construir uma noção de realidade social mais crítica. Comparações com referência a experiência geral com os alunos de Ensino Médio, onde o objetivo de desconstruir o senso comum já forjado é mais marcante.

Os educandos indicam a necessidade de nos desprendermos de nossa linguagem acadêmica, para tornar o conhecimento plausível, bem como mediar o nível de complexidade do conhecimento que almejamos desenvolver. Afinal, são estudantes de Ensino Fundamental, não podemos colocar as mesmas expectativas/metodologias relacionadas ao Ensino Médio.

Essa reflexão resulta na escolha dos conteúdos. A experiência em trabalhar com temáticas vêm se mostrando efetiva, pois é mais abrangente, e é possível transitar por ideias mais simples para, ao longo do trabalho, conquistar maior profundidade no conhecimento.

O conhecimento sociológico é abstrato, reflexivo, analítico, é “difícil” porque os estudantes não estão habituados com a complexidade, as relações, o estranhamento e a (des)naturalização. Com um público entre o infantil e o adolescente, isso aumenta o desafio, pois essas são ferramentas que se aperfeiçoam juntamente com o desenvolvimento intelectual e o crescimento do estudante. Para tanto, utilizar propostas que trabalhem o lúdico, o movimento, a integração e a criação são caminhos que ajudam a dar “materialidade” ao conhecimento, bem como a suprir a dinamicidade do ritmo desse público.

Por isso, existe muita abertura para dinâmicas, jogos, trabalhos em grupo, atividades que potencializem as habilidades artísticas, e por causa dessa disposição, frequentemente é utilizada essas estratégias metodológicas como forma de atingir a construção e a reflexão sobre determinado assunto.

Em virtude de carga horária, a demanda das turmas, e o perfil de instituição escolar, muitas vezes o formato da aula se adequa a um quadro bastante produtivista de elaboração de exercícios. Mesmo que os exercícios tenham como objetivos o desenvolvimento do conhecimento sociológico e não seu acúmulo, são muito aquém da potencialidade que existe nessa faixa etária.

Uma das maiores dificuldades de lecionar para o Ensino Fundamental, quando trabalhadas de maneira isolada, é a capacidade conflitiva que existe dentro de uma sala de aula. Mediar os conflitos muitas vezes é nossa função, uma vez que um conjunto de problemas sociais se encontram nesse espaço e a estrutura escolar excluiu frequentemente o “peso” das histórias de vida, da diversidade e da exclusão social para o aprendizado. Essa tarefa cuidadora tem muito mais intensidade quando o “efeito evasão escolar” (4º ano, 6º ano, 9º ano do Ensino Fundamental) não está atuando, ou seja, quando os “alunos problemas” não foram totalmente excluídos. Discordar radicalmente dessa situação, não quer dizer que não seja um movimento e lógica dominante nessa instituição, ou seja, nas turmas de 6º a 7º ano se percebe uma demanda muito grande no papel socializador e mediador do professor em relação as relações sociais internas de cada turma.

Portanto, o Ensino Fundamental é exigente. Exige da nossa capacidade intelectual em buscar respostas na nossa formação para dialogar com a realidade escolar a qual é extremamente estimulante, seja na construção das aulas, seja no envolvimento com os estudantes, ou na criação

de espaços menos rígidos dentro de uma estrutura escolar. Ou seja, a Sociologia tem muito a contribuir e construir nessa etapa do Ensino Fundamental, sendo imprescindível para a ocupação desse “espaço” na construção da legitimidade e valorização da disciplina.

3.2 Da teoria para a prática.

Ao iniciar a reflexão sobre minha prática docente, vejo o quanto nos tornamos professores na prática. Não basta estudarmos e sabermos todas as teorias se é na prática que nos tornamos professores de fato, principalmente, de uma disciplina relativamente nova, que é a Sociologia.

A grande dificuldade quando entrei para a rede municipal de ensino de São Leopoldo, em maio de 2012, foi transmitir os conhecimentos sociológicos de uma maneira mais lúdica, menos abstrata, visto que o meu público seria crianças com idade entre 11 a 16 anos de idade.

Inicialmente, fui acolhida com desconfiança pela equipe diretiva. Fiz uma ‘entrevista’ antes da recepção para os outros colegas. Nessa ‘entrevista’, fui questionada sobre minhas experiências profissionais, local onde me formei, qual seria minha metodologia, se eu já tinha lecionado para o Ensino Fundamental, etc. Compreendo a precaução, pois eu era a terceira professora de sociologia da escola, num espaço de um ano e meio. Assim, estavam se/me prevenindo.

Sou a única professora de Sociologia da escola. Inicialmente, senti-me sozinha e perdida. Não conseguia transmitir os conhecimentos que tinha aprendido na academia, por serem abstratos para os alunos do Ensino Fundamental. Outro fator que contribuiu para o meu isolamento era como a disciplina de Sociologia era vista e compreendida perante meus colegas professores. Como a redução da carga horária de Língua Portuguesa e Matemática, ou conversas pejorativas de alguns colegas: “não podemos ‘falar’ tudo que pensamos do aluno, pois tem uma professora de Sociologia”. “Os alunos estão questionando e desrespeitando os professores”. “Ela é muito nova, logo vai se cansar, etc.”

Outra dificuldade, foi a forte estrutura tradicional presente em minha escola, o que dificulta ainda mais o ensino de Sociologia. Querem que desenvolvam o pensamento crítico do aluno, mas não abrem espaço para o debate e criação de projetos junto a eles; não podemos levá-los à rua para uma atividade, pois atrapalham os que estão na educação física; devemos conter os alunos dentro da sala de aula, mediando conflitos e, de preferência, com o quadro cheio de texto e

exercícios. Como buscar a autonomia do aluno, se temos que controlar sua impulsividade na sala de aula?

O método tradicional pode ser muito bom para a compreensão dos conceitos e conteúdos. Porém, é a maneira em que ele é utilizado, o seu contexto. Na maneira mencionada acima, a escola torna-se uma prisão, e realmente é. Minha forma de lecionar é muito controlada, pois devemos manter a ordem. Isso desmotiva a prática de um ensino de Sociologia diferente e inovador, pois minhas ideias têm que passar pela nova equipe diretiva: que tipo de filme, que tipo de atividade estou desenvolvendo, olhar os cadernos dos alunos, etc.

A minha relação com os alunos foi a mesma apresentada pelas minhas colegas, ou seja, foi como desenvolver a relação professor/aluno: como a mediação de conflitos e questões sobre aprendizagens. Contudo, observo que a indisciplina presente na maioria dos alunos e sua apatia se devem ao sistema escolar, ao seu modelo. Ao terem sua criatividade estimulada em dinâmicas, jogos, debates (por mais que pela idade seja difícil e acabe sendo uma conversa informal), filmes e documentários as aulas rendem mais e fixam mais os conteúdos. Porém, os intercalo sempre com aulas mais tradicionais como textos e exercícios.

Infelizmente, houve neste ano de 2015 uma mudança do panorama escolar. Até 2014 eu lecionava para todas as turmas do ensino fundamental anos finais (6º ano ao 9º ano), com um período cada. Neste ano houve uma mudança no sentido de melhorar a capacidade de 'interpretação' dos alunos dos sextos e sétimos anos. Para isso devia-se aumentar um período de Português. Tiraram os períodos de Sociologia para esses anos, com a desculpa de que é uma matéria muito difícil, abstrata, de difícil compreensão para esse tipo de aluno.

Em contrapartida, eu ganharia os períodos de Ensino Religioso dos 8º e 9º anos. Ficando com dois períodos, um de Sociologia e outro de Ensino Religioso. Para complementar a carga horária teria que assumir uma turma de 5º ano de Inglês (disciplina fora da área de formação). Ou assumir as disciplinas de História e Geografia no EJA, deixando a Sociologia. Perguntei se não poderia ser extensão de carga horária, eles disseram que sim, mas não foram adiante com essa ideia. Infelizmente, não me abriram espaço para o debate e fiquei com a primeira opção.

Não vejo problemas em lecionar para os 8º e 9º anos, porém gostava de trabalhar mais ludicamente com os alunos menores. Eu conseguia ver um crescimento da aprendizagem. Tenho turmas que iniciei no 6º ano e estão comigo no 9º ano, que consigo ver uma diferença fantástica de amadurecimento e de posicionamento do senso crítico. A Sociologia foi perdendo espaço na

escola, principalmente pelo fato de acreditar que o desempenho dos alunos em interpretação é decorrente da falta de leitura e dos períodos de português. Ao mesmo tempo, percebo um claro processo de aceitação da própria SMED para essas mudanças.

3.3 A prática com base no princípio da pedagogia do diálogo

Depois de 7 anos atuando com os anos iniciais tive a oportunidade de trabalhar com Sociologia nos anos finais do Ensino Fundamental. A escola está situada em uma das áreas mais vulneráveis do município e com um tráfico intenso de drogas.

Havia uma intensidade dentro da sala de aula que eu desconhecia como professora até aquele momento. Apesar da experiência acumulada em sala de aula e da formação acadêmica já adquirida⁹ (teoria), aquelas turmas foram um dos maiores desafios e não foram poucas às vezes que achei que estivesse muito além das minhas capacidades como professora.

A sala de aula era um espaço intenso em vários sentidos. Observando o que os alunos traziam de seu cotidiano para a sala de aula era sempre um ótimo ponto de partida para desnaturalizar e analisar sociologicamente fatos e relações. Mas havia sempre uma tensão grande entre eles na sala de aula. Muitas vezes, ninguém se ouvia e havia muita agressão verbal, além de física. Era como se as aulas estivessem um grande caos. Foi necessário entender que era assim também no intervalo, na rua indo para casa, nas atividades festivas e coletivas da escola, em todos os espaços. Como chegar até eles e fazê-los pensar e analisar sociologicamente o que viviam, se muitas vezes nem era ouvida?

Em um dos encontros de formação conheci a *pedagogia do diálogo* do Freire (2007), apresentada pelo colega Thiago Ingrassia (2009). Na prática, adotei o princípio de uma aula *dialógica*, nos termos freirianos. Não adiantava tentar fazê-los me ouvir, passei a ouvi-los muito e com algumas intervenções. E se eu os ouvia aos poucos começaram a ouvir uns aos outros, prática até então inconcebível na sala. Na medida que perceberam que tinham espaço, não precisavam criar o caos na sala de aula para serem percebidos. Segundo Freire (1983), o diálogo não é só uma qualidade do modo humano de existir e agir. O diálogo é a condição desse modo, é o que torna humano o homem.

9 Mestrado em Educação.

E assim, as relações professor-aluno foram tendo como base esse princípio, onde ambos são considerados sujeitos no ato do conhecimento, numa relação horizontal. Naquele contexto não havia outra alternativa. Assim, foi possível adentrar naquele mundo e com eles aprender. Ainda com referência em Freire, em uma de suas cartas *para quem ousa ensinar*, considera que uma *educadora democrática* utiliza o diálogo muito além de uma estratégia para desenvolver um conteúdo,

(...) mas formador de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe. Falar *a e com* os educandos é uma forma despreziosa, mas altamente positiva que tem a professora democrática de dar, em sua escola, sua contribuição para a formação de cidadãos responsáveis e críticos. Algo de que tanto precisamos, indispensável ao desenvolvimento da nossa democracia. (FREIRE, 2007, p.87)

Houve duas situações que marcaram muito os meus primeiros meses de trabalho. Em uma delas, estava dialogando e, quando tive oportunidade, introduzi a temática violência em uma turma do 6º ano que ocorreu da seguinte maneira: *Tem violência na comunidade de vocês? Sim!! Por que existe violência? Por que tem pobres e ricos!! Por que tem pobres e ricos? Por que tem os traficantes!!*

No caso aqui os traficantes eram os ricos da comunidade.

Esse diálogo foi muito marcante e com ele pude abordar vários conceitos sociológicos e sabia que eles estavam entendendo. Seguindo nessa temática, montei um texto para refletirmos com um pouco mais de profundidade as causas e consequências da violência, de uma forma bem simples e com algumas gravuras no texto. Também mencionei o sistema carcerário como uma instituição. Senti um desconforto na turma. Perguntei se algum deles tinha algum familiar que já havia sido preso. Para minha surpresa 80% da turma levantou a mão. Resolvi mudar a pergunta, perguntando se, no momento, estavam presos familiares bem próximos como irmãos, pai ou mãe. Mais de 50% da turma continuava com a mão levantada.

Dessa forma, desenvolveu-se a aproximação, o respeito, a escuta e a confiança, para que todos pudessem aprender. Quando o aluno diz sua palavra ele faz parte da história, situa-se na temática discutida e não precisa agredir (como sempre tem feito ou visto outros fazerem), para ganhar a atenção e o respeito dos seus pares. Sigo atuando nessa mesma escola há 5 anos e a cada ano, em cada turma, é um novo mundo.

4 Conclusão

A implantação da Sociologia em todos os níveis da Educação Básica, anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, é sempre um campo de luta. Encontramos na literatura sobre o tema indícios da luta desde 1890 com a proposta feita por Benjamim Constante, no auge do positivismo no Brasil, para implantar no ensino a Sociologia, com a ideia de tornar a sociedade mais progressista. Contudo, a proposta não foi aceita. A implementação da Sociologia como disciplina iniciou nos anos de 1925 e 1928 nas escolas de Educação Básica da época. Infelizmente, a disciplina foi retirada do currículo escolar no período da ditadura militar brasileira, junto com a Filosofia. No seu lugar, foi colocado a disciplina Moral e Cívica, no Ensino Médio e Estudos Sociais (Sociologia, História e Geografia) no Ensino Fundamental. O retorno da Sociologia e da Filosofia ao currículo escolar como disciplina efetiva ocorre através da alteração da Lei de Diretrizes e Bases. Ou seja, como Pereira (2009, p.13) indica, essa inserção foi fruto de trabalho conjunto de diferentes setores.

No Brasil ao longo dos últimos 15 anos os sociólogos veem debatendo e se mobilizando pela implantação da Sociologia no currículo do Ensino Médio. Entretanto, o movimento em prol da implantação da Sociologia no Ensino Médio, nas escolas brasileiras, tornou-se mais forte quando da aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996.

Finalmente, com a Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, foi possível nos legitimarmos frente às Escolas, aos Estados e na própria Sociedade.

Em nossa rede de ensino, o Ensino de Sociologia é um constante campo de disputa, que se dá também na esfera política, assim como é possível perceber ao longo da história do ensino de Sociologia. Com a inexistência de uma lei de obrigatoriedade nesse nível de ensino, ficamos à mercê de vontades políticas, das suas próprias visões sobre educação e ideologias, como ocorre atualmente (2015); diminuindo ou extinguindo a Sociologia e a Filosofia nas grades curriculares das escolas.

Nosso isolamento e dificuldade de encontro fazem com que os esforços de construção de sentido e valorização em cada escola não consigam formar um contraponto suficientemente legítimo às perspectivas de gestão educacional municipal. Em contextos diferentes, conseguimos perceber o potencial que o Ensino de Sociologia possuiu com o público-alvo do Ensino Fundamental, por aproximar discussões e reflexões que auxiliam na constituição das visões de mundo dos estudantes, tornando presentes e menos distantes as ferramentas que o pensamento sociológico (estranhamento, desnaturalização, analisar relações e estruturas sociais...), apesar da

necessidade de um exercício intenso de mediação didática com os anos finais do Ensino Fundamental.

É através das nossas experiências no Ensino Fundamental da rede municipal de São Leopoldo que vemos a construção do olhar mais crítico dos nossos alunos, o fortalecimento do diálogo como forma pedagógica.

Em suma, abriu-se uma nova frente de batalha. Uma forma de enfrentar as dificuldades relativas à posição e necessidade da disciplina no Ensino Fundamental é lutar para a obrigatoriedade em forma de lei municipal que institua o Ensino de Sociologia nos anos finais do Ensino Fundamental para todas as escolas da cidade de São Leopoldo/RS. Para isso devemos trocar experiências com os colegas de outros municípios que possuem o Ensino de Sociologia no Ensino Fundamental, além de trocar relatos com os colegas do município de São Leopoldo. Fortalecendo a luta do ensino de Sociologia no Brasil.

Fortalecer o Ensino de Sociologia no Ensino Fundamental para consolidar a Sociologia na Educação Básica, construindo alicerces firmes para a permanência da Sociologia nos currículos escolares.

Referências Bibliográficas

DUBET, François. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet.** São Paulo, Revista Brasileira de Educação, n. 5, maio/ago. 1997, p. 222-31

FREIRE, Paulo. **Professora sim, Tia não: cartas para quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'Água, 2007. 18 ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LAHIRE, Bernard. **Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de sociologia?** In: GONÇALVES, Danyelle Nilin (Org.). *sociologia e juventude no ensino médio: formação, Pibid e outras experiências.*, Campinas: Pontes Editores 2013.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria; SARANDY, Flávio. *Perspectivas políticas e científicas acerca do ensino da sociologia.* In: FIGUEIREDO, André; OLIVEIRA, Luiz Fernandes; PINTO, Nalayne. (Org.). *Sociologia na sala de aula: reflexões e experiências docentes no Rio de Janeiro.* 1ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012, v. 1, p. 21-45.

MORAES, A. C. *Formação de Professores de Sociologia no ensino médio: para além das dicotomias.* In: OLIVEIRA, Luiz Fernandes. (Org.). *Ensino de sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais.* 1 ed. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2012, v. 1, p. 35-52.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. Didática e ensino de sociologia: questões didático-metodológicas contemporâneas. In: Luiz Fernandes de Oliveira. (Org.). Ensino de Sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais. 1ed. Seropédica: Edur, 2013, v. 1000, p. 106-121.

PEREIRA, L. H. . Qualificando o ensino da sociologia no Rio Grande do Sul. In: Plancherel, Alice Anabuki; Olveira, Evelina Antunes. (Org.). Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio. 1 ed. Maceió, 2007, v. L533, p. 135-150.

PEREIRA, Luiza Helena. A luta dos sociólogos pela obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio. In.: MEIRELLES, Mauro. RAIZER, Leandro. PEREIRA, Luiza Helena. (Org.). O ensino de Sociologia no RS - Repensando o lugar da Sociologia. 1 ed. Porto Alegre: Evangraf/LAVIECS, 2013. p 13- 34.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. Para além do senso comum: aportes para a construção do conhecimento sociológico na Educação Básica. Anais do Congresso Brasileiro de Sociologia. Grupo de Trabalho: Ensino de Sociologia. 2009.